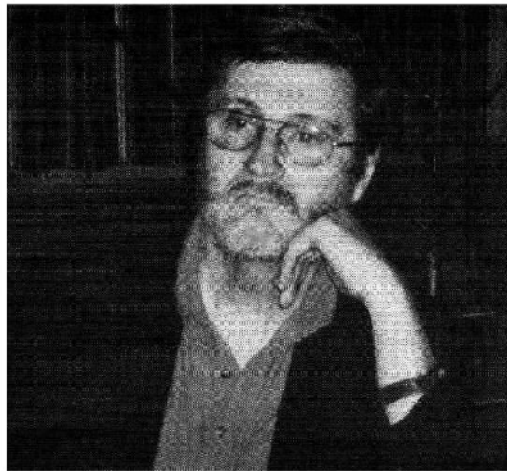


Em Luanda: alto para pobres e baixo para ricos

Preço da água



“Há aqui uma questão de justiça que pode ser equilibrada se o Governo tiver mais fundos, através do pagamento da água canalizada”, frisa Allan Cain, da DW (na imagem)

EM LUANDA os pobres pagam mais caro o preço da água por beneficiarem do precioso líquido através de camiões cisternas. A injustiça é ainda maior porque os segmentos com maior poder de compra pagam menos devido à distribuição de água canalizada, revelou nesta terça-feira, 16, o director da organização não-governamental Development Workshop (DW), Allan Cain.

“Claramente há zonas que têm água da rede, em casa, através da torneira que são aquelas áreas da cidade onde vivem realmente as populações mais privilegiadas, que neste momento pagam uma pequena quota que a EPAL está a cobrir, sendo um preço subsidiado pelo Estado”, salientou Allan Cain.

“As pessoas que vivem à margem da cidade (pobres) têm de comprar a sua água das cisternas, muitas vezes em camiões que trazem água do rio com qualida-

de muito duvidosa e essas pessoas pagam muito mais”, referiu. Este responsável falava na cerimónia de encerramento do Workshop sobre arquitectura social centrado no mapeamento da zona da Chicala e que decorreu durante uma semana, com a participação de estudantes das universidades Agostinho Neto e Lusíada de Angola.

Na sua intervenção, o arquitecto Allan Cain considerou urgente inverter este quadro. Se o valor investido pelos pobres na aquisição de água pudesse ser recuperado de forma a estender a rede destes serviços para as áreas situadas à margem da cidade, com chafarizes nas comunidades, poderia fazer baixar o preço de água.

“Os que têm o benefício da água nas suas torneiras, hoje em dia, são capazes de pagar mais por este serviço, para subsidiar a extensão da rede para outras zonas da cidade”, sugeriu.

Em seu entender, as cobranças de água têm de ser equilibradas, mais justas para todas as pessoas se beneficiarem, uma vez que para alargar a rede são necessários investimentos provenientes da cobrança por metro cúbico de água.

“Tem de ser um valor razoável para a Empresa Provincial de Águas de Luanda (EPAL) ganhar suficientes fundos para estender o serviço para todos. E o princípio da água para todos”, frisou. Nesse sentido, assinalou que o preço oficial da água situa-se em menos de um dólar por metro cúbico, mas os mais vulneráveis pagam entre 20, 25 até 30 dólares por metro cúbico para água de pouca qualidade.

“Há aqui uma questão de justiça que pode ser equilibrada se o Governo tiver mais fundos, através do pagamento da água canalizada, para também ter fundos para alargar o sistema investindo naquelas zonas que não têm rede de distribuição”, disse.

Estes dados segundo o director da DW foram extraídos de um estudo realizado por esta ONG em 2008, onde os ricos pagavam apenas 30 centavos de dólar por metro cúbico de água, em Luanda, e actualmente essa cifra não está acima de um dólar.

No estudo realizado ficou apurado que a água recolhida no rio através de camiões cisterna e que abastecem os mais vulneráveis está calculada em 250 milhões de dólares por ano.

“Parece-me que a situação mudou um pouco nos últimos anos, mas acho que é uma indicação de que há fundos que os mais vulneráveis pagam que não estão a beneficiar a EPAL e que não podem ser aplicados na extensão dos serviços”, notou.

Os indicadores mínimos e de saúde pública referem que cada pessoa deve aceder a 15 litros de água potável por dia, no mínimo. **HORTÊNCIO SEBASTIÃO**